

VELHAS FORMAS RETOMADAS

Micro-Macro

“Micro-Macro” situa-se, dentro da minha produção, numa fase onde tive, como principais preocupações, o uso, como material, de acordes-entidades (arquétipos harmônicos) do “ouvir música hoje”, e o trabalho em cima do processo composicional em si, com relação ao fator tempo: direcionalidades!

Resultando da culminação de meus estudos sobre Berg e Webern (e de minhas constatações teórico-práticas no meu texto “Micro-Macro direcionalidade em Weberg”, a peça procura sintetizar no seu corpo os gestos nos pequenos e no grande tempo da obra. Para isto, a peça utiliza a forma *lied* (um Macro ABA’), onde cada uma destas partes contém em si um micro aba. Ou seja, **A** (aba’), **B** (aba) e **A’** (aba’), podendo-se ouvir **B** também como um *rondó*, a nível de intervenções ou focos de escuta do conjunto. Este, por sua vez, é composto de um macro-trio contendo três micro-trios- o que faz com que a obra seja um Micro-Macro em forma de gênero. Vê-se, então, que o número três é de suma importância no organismo desta composição. E, de fato, todo o material dela decorrente vem de um trabalho em cima da polarização da 3ª menor

mi-sol (e-g) provinda do primeiro nome do meu amor: Reg Johas.

Todas as entidades harmônicas, os momentos de improvisação dirigida de B, as gamas modais mesmo utilizadas, etc. são provenientes da 3ª menor (ou 6ª maior, sua inversão). A constante aparição de novas informações e a direcionalidade à cada vez maior complexidade da textura (através da memória de elementos) faz com que “Micro-Macro” seja um manifesto maximalista, através do qual optei por uma “chanson d’amour contemporânea e sem palavras”, uma homenagem ao amor, em plena São Paulo (que é bem menor do que a crise). “Micro-Macro” é uma *lied* forma de amor a Reg! Texto: Florivaldo Menezes F.º **Sonata para dois pianos e percussão.** Num concerto que tem como tema “Velhas Formas Retomadas”, nada parece ser mais significativo, dentro da produção musical do século XX, do que a “Sonata para Dois Pianos e Percussão” de Béla Bartók. Combinação à primeira vista insólita de linguagens instrumentais tão diversas, foi escrita em 1937, num período em que a produção musical de Bartók foi especialmente intensa.

A forma **sonata** (exposição-desenvolvimento-reexposição-coda) é aqui resgatada por Bartók, após ter sido praticamente abandonada pelo pós-romantismo. Concebida dentro do grande plano tão familiar a Haydn e Beethoven, a “Sonata para Dois Pianos e Percussão” aparece como obra inovadora do universo e como um novo conceito de expressão musical.

Uma proposta de troca de características instrumentais se faz sempre presente: a atuação percussiva dos dois pianos e a exploração melódica e expressiva da percussão.

Como matemático que era, Bartók estrutura a sonata numericamente, ao empregar a “Seção Áurea”: o primeiro movimento ocupa 5/8 do total da obra, se contarmos o número de colcheias independentemente do número de tempos.

Ao lado da politonalidade, muitas características do estilo de Bartók são aparentes: o uso de temas curtos, com ritmos e contrapontos enérgicos e insistentes; a sugestão de sons noturnos, encontrados em vários movimentos lentos de suas obras, e a utilização de melodias do folclore, como se pode notar no *rondó* final. Texto: Amilcar Zani

PROGRAMA

Florivaldo Menezes Filho (1962) “**Micro-Macro**” *Lied* forma de amor a Reg (set. 83), para três micro-trios constituindo um macro-trio: piano, violino e viola; trompa, marimba, tímpanos e bombo; oboé, clarinete e vibrafone.

Béla Bartók (1881 - 1945) **Sonata para dois pianos e percussão**
Assai lento - Allegro molto
Lento ma non troppo
Allegro non troppo

Departamento de Música da ECA - USP:

Clarinete	Luis Cesar Reale
Oboé	Salvador Masano
Trompa	Michael Alpert
Violino	Maria Vischnia
Viola	Perez Dworeki
Piano	Amilcar Zani Heloisa Zani
Percussão	Carlos Eduardo Tarcha Robert de Oliveira
Regente	Gilmar Jardim